



CINEMA PARADISO

Boletim n. 298

São Paulo, 04 de outubro de 2011.



Próxima Reunião: 09/10/2011 – Domingo às 16 h.

BORBOLETAS NEGRAS (Black Butterflies)

Diretor: Paula van der Oest (*)

(*) Nasceu em 1965, em Laag-Soeren, Holanda. É diretora e roteirista. Seu primeiro filme foi *The New Mother* (1996), e seu filme *Zus & Zo* (2001) foi indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

ECOS DE UM CONTO CHINÊS

Nossa reunião sobre o filme *O Conto Chinês* foi deliciosa. Tivemos a presença de dois novos integrantes: a Maica (será que é assim que escreve?), esposa do Gabriel (que é novato no grupo, mas não estrepante) e Marcos, entusiasmado e notável professor que conheci no workshop que ministrei sábados atrás. Bem-vindos e que voltem sempre!

No início da reunião, lemos uma crítica bem legal que o Salomão nos encaminhou (já que não pôde estar presente) e fizemos um resumo (compriiiiiiiiiido) do filme, porque Rianete não tinha feito a lição de casa. Rian é incrível, mesmo sem assistir, trouxe contribuições incríveis, a partir da nossa conversa.

O Marcos fez um comentário oportuno a respeito da tradução do título do filme. *Un Cuento Chino* em espanhol também é uma expressão que sugere mentiras ou histórias de pescador, o que seria perfeitamente cabível no filme.

Sobre a recepção do filme, Gabriel iniciou com uma reflexão interessante que tento reproduzir. Ele viu no filme uma constante busca de sentidos e também que houve uma vitória do sentido sobre o não-sentido. Para essa reflexão, analisou os principais personagens. Jun, ao perder a noiva, viu sua vida perder sentido e foi atrás de seu único parente vivo, em um país distante, cujo endereço está desatualizado e sem saber se comunicar em outra língua a não ser o chinês. Tinha tudo pra dar errado! Roberto é um sobrevivente de guerra, solitário, extremamente lúcido (às vezes cético) e que se apegava a uma rotina metódica para que sua vida tenha algum sentido. Sua única diversão é buscar notícias "bizarras" com as quais ele prova a si mesmo a falta de sentido da vida. A simpática Mari também é solitária, vive numa fazenda e busca o sentido da sua vida no amor.

A partir dessa reflexão que acabou virando um jogo de palavras, o grupo passou a discutir os rumos da história. O entrecruzamento desses personagens e seus dramas pessoais é que

vão construir um novo sentido para a vida deles. Elisa (que é psicóloga) vê Roberto como um obsessivo e, por isso, rígido. Tanto o chinês como Mari o afetam pela doçura. Elisa lembrou, ainda, que Roberto, diante daquela situação inusitada, não pôde se comunicar pela linguagem, então, acaba mobilizando outras formas de comunicação: o afeto. Seu dia a dia era besta e o que havia de mais saudável (mentalmente falando) eram as fantasias que ele criava a partir das notícias absurdas, pois era o que alimentava sua imaginação. Quando o imaginário tornou-se real (o chinês da história absurda estava bem ali na sua frente) o castelo foi destruído e ele partiu para a realidade mais sadia: a vida com afeto.

Maica reparou que o cliente que Roberto tanto odiava era como um espelho, tão metódico quanto ele, por isso tamanho ódio. Elisa lembrou que ele parece o arquiteto do filme argentino *O Homem ao Lado*.

Laurinha achou que o filme é bem profundo, embora seja uma comédia deliciosa, pois se inicia com uma história absurda (a vaca) e tem seu ponto culminante quando fala do absurdo da realidade (a guerra). Para ela, talvez haja uma vitória do "não-sentido" uma vez que Roberto acaba por abandonar sua excessiva racionalidade. Já que a vida é absurda, já que uma vaca pode aparecer na sua frente, vá e viva! Aliás, falamos bastante de quantas vacas aparecem no filme!

Não poderíamos deixar de falar também sobre o equilíbrio dos filmes argentinos que nos chegam. Eles sabem fazer filmes com profundidade e humor. E, como exemplo disso, vejam o próximo artigo da Paulinha sobre *Medianeras*.

Cláudia Mogadouro

COTAÇÃO 2011

<i>Homens e Deuses</i>	9,72
<i>Tetro</i>	9,57
<i>Meia-Noite em Paris</i>	9,39
<i>Cópia Fiel</i>	9,26
<i>Um Conto Chinês</i>	9,25
<i>Lola</i>	9,12
<i>Lixo Extraordinário</i>	8,96
<i>O Homem ao Lado</i>	8,96
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>O Concerto</i>	8,63

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma/ Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com

MEDIANERAS: BUENOS AIRES NA ERA DO AMOR VIRTUAL

Queridos amigos,

Apesar de já ter assistido **Medianeras**, dirigido por Gustavo Taretto, há quase três semanas até hoje não li nenhuma crítica sobre o filme e normalmente é assim que acontece quando verdadeiramente gosto de um filme, devido ao receio de que alguma crítica destrua a boa sensação ao me convencer de que o filme não é tão bom quanto eu o senti. Portanto, fico com a minha sensação e deixo as críticas devidamente abandonadas.

Medianeras não é um filme que o grande público esteja correndo aos cinemas para assistir, mas venho falando bastante e comentando com todos para que o vejam e até agora, consenso geral, não há ninguém que eu conheça que tenha visto e que não tenha gostado.

Aliás, precisamos comentar novamente sobre a boa leva de filmes argentinos que estão passando pelo nosso mercado, surpreendendo com seus excelentes roteiros e atuações impecáveis.

O tema principal de **Medianeras** trata de algo por demais debatido em muitos e muitos filmes: SOLIDÃO.

No entanto você sai do cinema com uma sensação leve, gostosa e feliz pelos protagonistas.

De um lado temos Martin como um dos personagens principais e representando aquele que aprendeu a lidar com a sua solidão.

Ele vive literalmente trancado no seu apartamento onde montou todo um esquema de sobrevivência e proteção. Trabalho, estudo, alimentação, comunicação com o mundo, etc..., tudo é feito dentro do apartamento e ele sai pouquíssimas vezes, o que inclui apenas algumas poucas atividades como suas idas regulares ao psiquiatra e passeios com o cachorro. Proteção de quê? Da vida, das pessoas, da sua síndrome do pânico desenvolvida após o término de um namoro, no qual a namorada saiu de férias e não voltou nunca mais deixando apenas lembranças e o tal cachorro para que o Martin cuidasse – e ele cuida!

É muito interessante observar o raciocínio desse personagem que nos brinda – logo no início – com uma narrativa inteligente e divertida, fazendo a analogia da cidade (nesse caso Buenos Aires) com a solidão das pessoas. A forma como ele discorre sobre o tema e as imagens da arquitetura dos prédios da cidade, provavelmente escolhidos com muito cuidado, que vão se sucedendo à sua narração fazem você não somente acompanhar sua linha de pensamento, como concordar com ela ou pelo menos com grande parte do que ele diz, inclusive arrancando umas boas risadas do público.

Interessante também a técnica usada por Taretto, colocando os protagonistas como narradores da sua própria história. Isso fez com que eu me sentisse mais próxima de cada um deles, pois eles estavam ali abertos, mostrando seus pensamentos, suas ideias, seus medos e suas contradições.

Do outro lado, temos Mariana representando exatamente o oposto: alguém na fase do aprendizado sobre como encarar a solidão. Mostrando e sentindo toda a dor do término de um relacionamento, do recomeço de uma vida, da volta às suas origens ao abandonar uma vida a dois e encarar novamente o seu apartamento de solteira, a sua vida de arquiteta frustrada, por nunca ter desempenhado a função, e o seu trabalho como vitrinista no qual ela imagina e cria cenas que ela mesma gostaria de viver.

Mesmo sem sabermos nada do resto da vida da Mariana, acreditamos que ela certamente está vivendo um dos seus piores momentos, tamanha é a dor que ela demonstra. Mesmo assim, percebemos que ela tomou a decisão certa de sair de um relacionamento que já não tinha mais emoção, onde a comodidade já tinha entrado há algum tempo. Como a gente torce pela Mariana! Como a gente torce para que o sofrimento dela finalmente acabe!

Portanto, de um lado alguém habituado à solidão, Martin, e do outro alguém reaprendendo a ficar sozinho, Mariana.

Em comum? A busca. A busca por uma mudança de vida, a busca pelo encontro com a felicidade, a busca por sobreviver em uma cidade grande no meio da multidão, onde se tenta não ser apenas mais um. Ilustrando essa sensação da busca de alguém na multidão, existe uma relação com a estória do “*Onde está Wally*” que Mariana busca insistentemente encontrar, de forma agoniada, em um daqueles livros desse personagem tão conhecido*.

Martin iniciando a busca pela vida fora do seu apartamento e Mariana tentando se livrar do sofrimento, enquanto ainda mora em meio a caixas que só reforçam as lembranças das quais ela tanto quer esquecer.

É incrível e delicioso acompanhar a evolução dos dois e as mudanças que vão ocorrendo em suas vidas.

Os desencontros amorosos com pessoas “nada a ver”, as caixas que são abertas e que mudam a cara do apartamento, as fotos antigas apagadas, a descoberta do mundo, da rua, das pessoas, dos vizinhos, a confrontação com seus respectivos medos (síndrome do pânico / Martin, medo de elevador / Mariana), a falta de perspectiva profissional, etc...

Vimo-nos torcendo e sofrendo com eles, querendo que eles se encontrem e que assim suas vidas mudem, mas isso só acontecerá quando cada um deles já tiver encontrado o seu caminho por si mesmos.

Isso pode nos remeter àquele velho clichê de que primeiro temos que nos valorizar, nos perdoar, nos sentirmos bem, nos aceitamos antes de encontrarmos alguém para compartilhar a vida. OK, é um clichê que pode ou não ser verdadeiro, deixando o julgamento por conta de cada um dos espectadores. Seja qual for nosso ponto de vista, acompanhamos essas mudanças de uma forma muito descontraída, leve e agradável.

É exatamente isso: saímos leves do filme! Que delícia!

A música tema, “*True love will find you in the end*”, já nos dá a indicação do que aconteceria, mas nem por essa previsão perdemos a empolgação de acompanhar a história dos dois.

Deixo aqui uma entrevista com o diretor, Gustavo Taretto, encontrada há pouco na internet e a qual certamente assistirei já que acho sempre interessante saber o ponto de vista do diretor e o que ele realmente imaginou e quis passar com a história, apesar de cada um fazer a sua própria leitura do filme, o que favorece discussões no grupo sempre muito interessantes, pois através da leitura do outro enxergamos aspectos que sequer tínhamos imaginado. Aí está a magia das nossas deliciosas reuniões.

Link da entrevista: <http://revistabeta.com.br/new/edicao-online/mi-buenos-aires-querido-entrevista-com-gustavo-taretto-diretor-de-medianeras/>

Fica aqui a dica: ainda está nos cinemas, assistam!

Abraços em todos e até a próxima reunião do grupo *Cinema Paradiso* com o escolhidíssimo **Borboletas Negras**.

Paula Quaresma.

P.S. pitaco da Cláudia: usando do privilégio de ter lido antes o artigo da Paula, fui conferir o filme. Também recomendo muito e faço apenas um complemento: a citação a **Manhattan** de Woody Allen é um dos momentos mais poéticos do filme.

* Série de livros infanto-juvenis – “*Where’s Wally*” criada pelo ilustrador britânico Martin Handford que se tornou uma verdadeira “febre” em vários países há anos atrás.

